

PREFÁCIO À EDIÇÃO PORTUGUESA

Regressar com a mente liberta a um trabalho que realizei há uma vintena de anos significa um regresso a si mesmo enquanto pessoa, quer como viajante quer como investigador, que teve a audácia ou a inconsciência de se aventurar a estudar um assunto considerado muito fútil. Refiro-me às viagens e ao turismo.

Quero com isto dizer que a forma como foi recebida, a minha tese sobre o turismo, revela a existência de um imaginário, negativo e pejorativo, associado à própria ideia de mobilidade de lazer. Deslocar-se tem sempre como móbil ir tratar de um assunto, fazer compras, fazer qualquer coisa de útil para si ou para os outros e, em última instância, viajava-se para rever os amigos ou os familiares. Contudo, viajar sem uma razão imperiosa constitui o próprio fundamento do imaginário da viagem, o que torna a sua futilidade insuportável e a sua necessidade incontornável. Tal como a arte, a viagem de lazer é indispensável porque não tem utilidade. Mas chega a ser escandaloso: ousar não apenas viajar, mas escrever ensaios para celebrar a mobilidade gratuita, eis uma provocação para certos puristas que tive a ocasião de encontrar. Inúmeras vezes tentaram dar-me a entender que existem assuntos bastante mais sérios, dramas humanos ou históricos, catástrofes ecológicas muito urgentes para serem tratadas, e eu ignorei sempre estas sugestões. Quantos olhares intrigados, trocistas e perplexos tenho afrontado sempre que falo do tema dos meus trabalhos universitários! Quantas vezes tive que esclarecer que não se trata de uma brincadeira nem de uma provocação, e que trabalho sobre os comportamentos turísticos, não no intuito de os denunciar, mas para os compreender a partir do interior?

É verdade que o valor «trabalho» contaminou profundamente a abordagem do objecto «turismo». O produtivismo, ou mais precisamente, o imaginário do sofrimento físico e moral – sofrimento nobre e redentor, bem entendido, numa acepção que não é unicamente cristã – impregnou a tal ponto os espíritos, que se tornou de bom tom reflectir sobre o trabalho, os corpos, as desigualdades, as injustiças, os sofrimentos e as penúrias diversas e variadas, ou sobre as desgraças humanas ou animais. Tudo coisas úteis, de resto. São estes os temas «sérios», dignos de um intelectual. Mas interessar-se pelo turismo...

Na realidade, considero que se aprende bastante e melhor acerca de uma sociedade se a surpreendermos nas suas ocupações anódinas: lazer, turismo, mobilidade recreativa, cultura, jogo, etc. Eu aprendi muito sobre o mundo do trabalho ao estudar o mundo do repouso e das férias. Este é um dos primeiros postulados epistemológicos deste livro.

O segundo postulado refere-se à alteridade e ao alhures: percebidos como angustiantes, estes dois tópicos geraram o exotismo do longínquo, cujo modo de funcionamento é muito similar ao objecto transicional descrito por Donald Winnicott. Este objecto permite a progressão a partir do subjectivo, do idêntico e do etnocentrismo em direcção ao outro, ao estrangeiro e a uma certa objectividade. Progressão que não é simples, e que gera muita desilusão cruel, mas necessária e fortificante.

«Cada criança quando brinca comporta-se como um escritor, na medida em que cria um mundo a partir da suas ideias, ou antes organiza este mundo da forma que mais lhe apraz... Brinca seriamente. Não é a seriedade que se opõe ao jogo, mas sim a realidade»¹, diz-nos Freud. Podemos transpor este julgamento sobre o turista, e dizer que o seu espaço mental, o exotismo, não suporta muito a intromissão da «realidade» política, social e económica dos países visitados.

Desta forma o turismo e as férias aproximam-se do universo do jogo. O turismo internacional pode ser analisado como um espaço potencial.

O espaço potencial, segundo Donald W. Winnicott, é um lugar imaginário onde a realidade é reelaborada e reorganizada através de actividades simbólicas. O turismo e a viagem constituem um espaço de «possibilidades», e de reorganização imaginária e simbólica de si, do outro e do alhures.

O espaço turístico, tal como o espaço potencial, pode ser um lugar de criatividade e de experiência cultural, isto é, no fim de contas, o lugar que assinala a humanidade do humano. É este o nosso terceiro postulado.

Um espaço de criação de si e do outro, que vai desde o mero estereótipo até à plenitude do reencontro. Espaço lúdico em que cada um joga para modificar a sua relação com o real, seja para se distanciar dele (jogar para descontrair), para o sublimar ou o dominar (jogar pelo prazer) ou para o experimentar sem o modificar (jogar para aprender). Joga-se também pelo prazer intrínseco de jogar, a possibilidade de se estar algures, totalmente ocupado com o seu jogo, fora do tempo e do espaço. Seja como for, é sempre uma forma de insularidade simbólica. A ilha é um símbolo forte que configura aquilo que constitui o imaginário turístico: trata-se de um sonho ancestral, escondido na nossa memória colectiva. Pode-se dizer que o simbolismo da ilha é uma prefiguração do Paraíso... mas também um tema publicitário abundantemente utilizado. É este o sentido que devemos atribuir às «bolhas turísticas», que eu designo como uma forma de insularidade etnocêntrica.

¹ S. Freud, citado por Maud Mannoni, *La théorie comme fiction*, Paris, Seuil, 1979, p. 62.

O imaginário turístico encontra-se pois entalado entre a necessidade do idêntico, do familiar, e o desejo do diferente, da alteridade. Um entre-dois colocado entre o aqui e o alhures, entre a diferença extrema e a similaridade tranquilizadora. Além disso, o espaço mental do turismo, como indústria e como ideologia – isto é, um conjunto de ideias sobre si e sobre os outros – tem necessidade de ritos para aprisionar a estranheza estranha, para afrontar o desconhecido. O universo dos comportamentos turísticos é assim perpassado por idas e vindas entre o si e o outro, entre a nossa própria cultura e a que se vai descobrindo, entre o extraordinário e o familiar. Nos confins da China, não é raro ver turistas à procura de um restaurante, de um jornal, de um concidadão ou de um objecto que lhes faça lembrar a sociedade de onde vêm – a sua terra natal. Em Paris, os meus estudantes chineses diziam-me que não podiam passar uma semana sem fazerem um circuito num espaço (restaurante, café, loja, etc.) que lhes fizesse lembrar o seu país de origem. Idem para os indianos. Esta transição entre novo e antigo, entre conhecido e desconhecido, é sempre realizada segundo uma dosagem suave e homeopática. De facto, sair de si mesmo não é simples nem cómodo. Mas que sentido teria partir se não fosse para sair de si mesmo?

Montpellier, Março de 2007

Rachid Amirou